

POTENCIAL AURÍFERO DO DOMÍNIO TECTÔNICO BACAJÁ - ESTADO DO PARÁ

Macambira, E.M.B.¹; Klein, E.L.²

SBG/CPRM-Serviço Geológico do Brasil, ¹Superintendência Regional de Belém; ²Divisão de Geologia Econômica

RESUMO: Tradicionalmente as pesquisas de ouro na porção oriental do Escudo Brasil Central (Cráton Amazônico), são dirigidas para a região ao sul da Serra dos Carajás. A região do Domínio Tectônico Bacajá – DTB, com exceções (Volta Grande do Xingu e o Garimpo do Manelão), era considerada de baixo potencial aurífero. Entretanto, os recentes mapeamentos geológicos executados pela CPRM/SBG contrariam este conceito e demonstram potencial aurífero.

O DTB abrange cerca de 500 km², situa-se na porção centro-oriental do Estado do Pará e integra a Província Tectônica Transamazonas. O embasamento mais antigo está representado pela Associação Granulítica Arqueana/Paleoproterozoica (3009-2597 Ma). Constituindo também o embasamento, verifica-se a Associação Granito-Gnaiss-Migmatítica Arqueana/Paleoproterozoica (2671-2338 Ma). Sobre este embasamento implantaram-se sequências metavulcanossedimentares tipo *greenstone belts* e metassedimentares. Relacionadas ao Ciclo Transamazônico estão presentes as suítes plutônicas Pré-Colisionais, Sin a Tardi-Colisionais e as Tardi a Pós-Colisionais.

O contexto geológico-metalogenético para as mineralizações auríferas do DTB pode ser dividido em 4 condicionamentos. O mais importante é constituído pelas sequências metavulcanossedimentares, tipo *greenstone belts*, representadas pelo Grupo Três Palmeiras, e pelas sequências Igarapé São Manoel e Igarapé Vinte e Quatro, e outras sem denominações formais. São faixas de dezenas de quilômetros, constituídas por rochas metaultramáficas, metamáficas e metavulcânicas intermediárias a félsicas, intrudidas por granitos, seccionadas por zonas de cisalhamento e abrigam dezenas de garimpos auríferos. No Grupo Três Palmeiras as mineralizações primárias ocorrem preferencialmente em microfraturas, associadas à sulfetações, podendo também ocorrer em veios e vênulas de quartzo ou em zonas brechadas, lentes de *metachert*, em BIF e disseminações em rochas metavulcânicas.

O segundo condicionamento são as sequências metassedimentares exemplificadas pelo Quartzito Serra da Fumaça. São de idade pré-cambriana, constituída por quartzitos, de fácies xisto-verde, com variações granulométricas (fácies grossas), que constituem extensas serras alinhadas controladas por zonas de cisalhamento e com atividades hidrotermais associadas.

Outro condicionamento para instalação da mineralização aurífera é representado pelas rochas granulíticas, em particular as paraderivadas, representadas pelo Granulito Novolândia (kinzigitos, granulitos máficos, paragnaisse e BIFs). Esta sequência é seccionada por zonas de cisalhamentos que serviram de canais para a percolação de fluidos hidrotermais.

No mapeamento geológico também foi observada a presença de ouro (garimpos e pintas em concentrados de bateia), nos domínios dos charnockitos e granitos, os quais não apresentam vocação aurífera. Estas unidades contêm abundantes xenólitos básicos e são seccionadas por zonas de cisalhamento com atividades hidrotermais. Tais evidências sugerem que o ouro estaria originalmente armazenado nas rochas básicas situadas em profundidade e a interação fluido-rocha nas zonas de cisalhamento, propicia que a atividade hidrotermal remobilize o ouro para níveis superiores formando veios de quartzo auríferos.

Não se visualiza no DTB a existência de grandes províncias auríferas, apesar de o Grupo Três Palmeiras apresentar ambiente favorável para conter depósito de classe mundial. Deve ser considerada a favorável infraestrutura logística da porção oriental do DTB, a qual pode viabilizar jazimentos de pequeno porte.

PALAVRAS-CHAVE: BACAJÁ, OURO, CRATON AMAZÔNICO.